

PPGPP
30 ANOSJOINPP
20 ANOS

XI Jornada Internacional Políticas Públicas

19 a 22
SET/2023CIDADE UNIVERSITÁRIA
DOM DELGADO
SÃO LUÍS/MA - BRASIL

REIFICAÇÃO CAPITALISTA E EMANCIPAÇÃO
HUMANA COMO NECESSIDADE HISTÓRICA
Formação da Consciência de
Classe na Luta de Hegemonias

CEM ANOS DE HISTÓRIA E CONSCIÊNCIA
DE CLASSE DE LUKÁCS



REFLEXÕES SOBRE A INTELLECTUALIDADE NEGRA E SEUS EPISTEMICÍDIOS

Antonia Viviane Silva¹

Margarida Mariano de Oliveira²

Roberta de Castro Cunha³

RESUMO

Este artigo propõe apresentar as reflexões acerca das dimensões de opressões expressas pela dominação patriarcal/racial e epistêmica sobre as vidas negras, e as formas de resistências desenvolvidas aplicadas à sua inserção no campo da educação superior. Bem como, evidenciar as formas de apagamento cultural e dos saberes do povo negro realizado durante o período escravista. A dominação colonial europeia desqualificou os povos negros e os classificou-os como povos inferiores, o que por sua vez aconteceu há outros povos por não se enquadrarem no padrão europeu ocidental/cristão. Assim, o debate está inserindo a partir da problematização da condição de dominação eurocêntrica colonial e que atualmente ainda é expressa pelo racismo e o não reconhecimento dos saberes negros, no qual o/a negro/a busca visibilidade e valorização pelo reconhecimento das suas produções intelectuais, como também o fortalecimento das resistências, com enfoque no protagonismo negro.

Palavras-chave: Intelectualidade negra; Educação/universidade; Epistemicídio.

ABSTRACT

This article proposes to present reflections about the dimensions of oppression expressed by patriarchal/racial and epistemic domination over black lives, and the forms of resistance developed applied to their insertion in the field of higher education. As well as, to evidence the forms of cultural and knowledge erasure of black people carried out during the slavery period. European colonial domination disqualified black people and classified them as inferior peoples, which in turn happened to other peoples for not fitting into the Western European/Christian standard. Thus, the debate is inserted from the problematization of the condition of colonial Eurocentric domination and that currently is still expressed by racism and the non-recognition of black knowledge, in which the black seeks visibility and appreciation

¹ Graduanda do curso de Serviço Social e bolsista de Iniciação Científica (ICT/FUNCAP) - Universidade Estadual do Ceará. E-mail: mariano.oliveira@aluno.uece.br

² Graduanda do curso de Serviço Social e bolsista de Iniciação Científica (ICT/FUNCAP) - Universidade Estadual do Ceará. E-mail: antonia.viviane@aluno.uece.br

³ Assistente Social (Defensoria Pública da União – CE). Doutora em Sociologia (Universidade Estadual do Ceará). E-mail: roberta.castroas@gmail.com

PROMOÇÃO



APOIO

PPGPP
30 ANOSJOINPP
20 ANOS

XI Jornada Internacional Políticas Públicas

19 a 22
SET/2023CIDADE UNIVERSITÁRIA
DOM DELGADO
SÃO LUÍS/MA - BRASIL

REIFICAÇÃO CAPITALISTA E EMANCIPAÇÃO
HUMANA COMO NECESSIDADE HISTÓRICA
Formação da Consciência de
Classe na Luta de Hegemonias

CEM ANOS DE HISTÓRIA E CONSCIÊNCIA
DE CLASSE DE LUKÁCS

for the recognition of their intellectual productions, as well as the strengthening of resistance, focusing on black protagonism.

Keywords: Black Intellectuality; Education/university; Epistemicide.

1 INTRODUÇÃO

Desde a época da colonização e dos anos de tortura com escravização, a população negra sempre foi excluída e impedida de acessar o sistema educacional, situação que perdurou mesmo após a abolição da escravidão. Não obstante a isso, a cultura, os saberes e os conhecimentos dos/as negros/as foram silenciados, por que não dizermos apagados?

A manutenção dessa exclusão, atrelada ao racismo, ocorre desde então, fato que corroborou com o forte atraso e o difícil acesso da população negra à educação com qualidade e, sobretudo, às universidades públicas. Entretanto, as reivindicações realizadas nos últimos anos e as resistências negras, na contemporaneidade, estão fortalecidas e conquistaram algumas vitórias.

Portanto, considerando o contexto de silenciamento dos saberes e dos conhecimentos dos negros e negras, o artigo pretende refletir acerca das resistências da população negra contra as opressões estabelecidas pela sociedade patriarcal/colonial/racista e eurocêntrica.

O estudo fundamenta-se em pesquisa bibliográfica e está dividido em quatro tópicos articulados. No primeiro, destaca as discussões que assinalam as condições de violência expressas no corpo e mente do povo negro, suas resistências e o epistemicídio dos saberes desse povo. No segundo, discute os espaços de produção do conhecimento intelectual negro, principalmente o meio acadêmico e sua atuação nesses espaços. No terceiro tópico, o debate ilustra as reflexões sobre o protagonismo negro na sociedade e o lugar de fala nos espaços políticos e de poder. Por fim, na conclusão, o enfoque é dado à importância da educação no reconhecimento e construção dos saberes do povo negro, evidenciando a necessidade da superação do racismo para enfrentar as desigualdades sociais e discriminatórias, aliada ao protagonismo negro dentro e fora da Universidade.

PROMOÇÃO



APOIO

PPGPP
30 ANOSJOINPP
20 ANOS

XI Jornada Internacional Políticas Públicas

19 a 22
SET/2023CIDADE UNIVERSITÁRIA
DOM DELGADO
SÃO LUÍS/MA - BRASIL

REIFICAÇÃO CAPITALISTA E EMANCIPAÇÃO
HUMANA COMO NECESSIDADE HISTÓRICA
Formação da Consciência de
Classe na Luta de Hegemonias

CEM ANOS DE HISTÓRIA E CONSCIÊNCIA
DE CLASSE DE LUKÁCS



2 RESISTÊNCIAS E LUTA EPISTÊMICA

As formas de resistências do povo negro contra a dominação patriarcal/eurocêntrica/branca/colonial não é um fenômeno recente. As resistências carregam as marcas da experiência do colonialismo político e exploratório, que durante séculos subjugou a população negra, realizando o apagamento e silenciamento dos costumes, saberes e identidades dessa população.

Raptada de forma violenta do seu lugar de origem, a África, a população negra foi dominada e tratada como animal sem racionalidade e transportada em embarcações para a América. A Europa, com o objetivo de expandir territórios e explorar riquezas e, posteriormente, em prol da modernidade, percebeu a grande oportunidade no tráfico de pessoas negras, “[...] embora antes da chegada dos europeus ao seu litoral, homens e mulheres africanos já fossem escravizados, sobretudo nos territórios islâmicos, no entanto, aquela era uma situação bem diferente da encontrada nas Américas anos depois” (BRAZIL; SCHUMACHER, 2006, p.15), pois eram capturados por questões como, condenações de juízes locais, roubos, prisioneiros de guerra etc. (BRAZIL; SCHUMACHER, 2006). Logo, iniciaram-se os sequestros das pessoas negras estabelecidos pelas feitorias em solo africano e milhares de pessoas atravessaram o Atlântico contra sua vontade.

Separar os povos pela raça foi uma forma de legitimar a colonização e a exploração na América, principalmente tornando a população negra e indígena como povos inferiores. Povos que, pela percepção classificatória europeia, eram povos sem humanidades e sem Deus, que apresentavam traços fenotípicos, cor de pele e costumes diferentes do povo europeu. Assim, estabeleceram para si o conceito de branco e um padrão dominador superior a toda outra raça.

As dominações de relações de poder impostas pela classificação da raça foram naturalizadas em todo o mundo e estruturaram as relações sociais e os lugares de

PROMOÇÃO



APOIO



PPGPP
30 ANOS

JOINPP
20 ANOS

XI Jornada Internacional Políticas Públicas

19 a 22
SET/2023

CIDADE UNIVERSITÁRIA
DOM DELGADO
SÃO LUIS/MA - BRASIL

REIFICAÇÃO CAPITALISTA E EMANCIPAÇÃO
HUMANA COMO NECESSIDADE HISTÓRICA
Formação da Consciência de
Classe na Luta de Hegemonias

CEM ANOS DE HISTÓRIA E CONSCIÊNCIA
DE CLASSE DE LUKÁCS



poder em toda a sociedade, ou seja, demonstraram ser o mais eficaz e durável instrumento de dominação social universal, segundo Quijano (2005) enuncia:

A posterior constituição da Europa como nova identidade depois da América e a expansão do colonialismo europeu ao resto do mundo conduziram à elaboração da perspectiva eurocêntrica do conhecimento e com ela à elaboração teórica da ideia de raça como naturalização dessas relações coloniais de dominação entre europeus e não-europeus. Historicamente, isso significou uma nova maneira de legitimar as já antigas ideias e práticas de relações de superioridade/inferioridade entre dominantes e dominados (QUIJANO, 2005, p.118).

Com a escravização do povo negro, houve uma tentativa de ruptura com suas raízes e modos de vida, algo que se expressa até a atualidade em nossa sociedade. Os homens e as mulheres africanas que chegaram ao Brasil, cada um/uma tinha sua própria história, tradições culturais e referências familiares que lhes fortaleciam para não esquecer quem eram e de onde vieram.

Segundo Brazil e Schumacher (2006), as mulheres negras cativas, para não perderem sua identidade africana, mantinham o hábito de preservar seus nomes originais no convívio entre o seu povo, conforme assinalam:

Ao chegarem como escravas ao Brasil, as africanas recebiam nomes cristãos e, da noite para o dia, viravam Marias, Evas, Felicidades. Uma repentina metamorfose simbolizava a passagem da condição de africanas para a de cativas. Mas muitas delas procuravam, a todo custo, preservar seus velhos nomes étnicos ou religiosos, conservando uma parte importante e muito significativa de sua memória pessoal (BRAZIL; SCHUMACHER, 2006, p.22).

Um dos símbolos de resistência do povo negro, logo que se iniciou a escravização, foi manter a identidade e as relações culturais religiosas entre si. Entretanto, estavam inseridos em um contexto bem diferente do habitual e precisavam aprender a língua e outros costumes para sobreviver, por isso a dificuldade em manter as tradições e, conseqüentemente, levá-las ao esquecimento.

Durante anos foram travadas diversas lutas contra a escravização das pessoas negras, resistências expressas pelas fugas, rebeliões, suicídios e formação dos quilombos, um caminho para aqueles que lutavam contra a opressão da escravidão. Porém, era uma escolha difícil, muitas vezes era melhor morrer do que viver.

PROMOÇÃO



PPGPP
30 ANOS

JOINPP
20 ANOS

XI Jornada Internacional Políticas Públicas

19 a 22
SET/2023

CIDADE UNIVERSITÁRIA
DOM DELGADO
SÃO LUÍS/MA - BRASIL

REIFICAÇÃO CAPITALISTA E EMANCIPAÇÃO
HUMANA COMO NECESSIDADE HISTÓRICA
Formação da Consciência de
Classe na Luta de Hegemonias

CEM ANOS DE HISTÓRIA E CONSCIÊNCIA
DE CLASSE DE LUKÁCS



Ademais, chegar num quilombo não significava a conquista da liberdade, pois a escravidão estava legalizada e quem fugisse era considerado fugitivo, para seu dono, um objeto, algo que queria de volta. Como expressa Mbembe (2014, p. 90), o corpo do povo negro escravizado foi coisificado, tornado em objeto, sem vontade própria.

A exploração eurocêntrica não só oprimiu o corpo físico do negro como também oprimiu seus saberes, ocasionando um silenciamento cultural e o apagamento estrutural dos seus conhecimentos. Além do genocídio, da morte física desses corpos, instituiu-se a violência epistêmica, caracterizada como

“Uma relação de poder e dominação perpetrada no campo do conhecimento, permitindo que determinada visão de mundo se imponha sobre outra, impossibilitando sistemas de conhecimento e produção de saberes alternativos e alterando as visões dos povos colonizados” (GNECCO, 2009, *apud*, SILVA et al, 2018, p.71).

A Europa, posta como hegemônica e superior, centro do conhecimento científico tido como verdade, em nome da modernidade, coloca-se como referencial no mundo inteiro, como detentora do saber e do poder e institui o epistemicídio, ou seja, o processo de inferiorização sobre os conhecimentos africanos. Logo, o saber do povo negro não é tido como referência e não serve para subsidiar outros conhecimentos, apresenta-se na concepção eurocêntrica como um saber subjetivo, sem validade científica.

Para Sueli Carneiro (2005), o epistemicídio representa muito mais que a “anulação e desqualificação do conhecimento dos povos subjugados (p.97)” é uma ação que traz morte à racionalidade dos povos subjugados, ou seja, “não é possível desqualificar as formas de conhecimento dos povos dominados sem desqualificá-los também, individual e coletivamente (p.97)”.

A autora complementa que o epistemicídio é:

[...] um processo persistente de produção da indigência cultural: pela negação ao acesso à educação, sobretudo de qualidade; pela produção da inferiorização intelectual; pelos diferentes mecanismos de deslegitimação do negro como portador e produtor de conhecimento e de rebaixamento da capacidade cognitiva pela carência material e/ou pelo comprometimento da auto-estima pelos processos de discriminação correntes no processo educativo (CARNEIRO, 2005, p.97).

PROMOÇÃO



APOIO



PPGPP
30 ANOSJOINPP
20 ANOS

XI Jornada Internacional Políticas Públicas

19 a 22
SET/2023CIDADE UNIVERSITÁRIA
DOM DELGADO
SÃO LUÍS/MA - BRASIL

REIFICAÇÃO CAPITALISTA E EMANCIPAÇÃO
HUMANA COMO NECESSIDADE HISTÓRICA
Formação da Consciência de
Classe na Luta de Hegemonias

CEM ANOS DE HISTÓRIA E CONSCIÊNCIA
DE CLASSE DE LUKÁCS



O apagamento dos conhecimentos e saberes do povo africano é uma violência desumana que trouxe consequências para toda a população negra e seus descendentes, como a invisibilização e a manutenção dos preconceitos, excluindo-os de terem sua história validada.

Depois de séculos sendo escravizados, sem acesso à educação, à moradia digna, tendo todos os seus direitos violados pelo processo de colonização, ainda que no Brasil não houvesse uma legislação que assegurasse esses direitos, evidentemente negros e negras eram pessoas, humanas, como qualquer outro que detinha o direito de viver livre.

A abolição da escravidão os lançou a viver à própria sorte, sem o acesso aos direitos mínimos de sobrevivência. Isso dificultou a presença do negro em lugares de poder. Por um lado, por ser um “ex-escravo” e, por outro, por não ter acesso à educação. Seria necessário (re)construir um caminho que lhes dessem acessos à escola, a um emprego, mas não seria simples, pois o racismo estava posto como herança na sociedade.

Adentrar os espaços de poder e do saber requer superar as barreiras do “racismo estrutural” (ALMEIDA, 2019), que é fruto do sistema patriarcal/colonial, racismo esse que é expresso diariamente contra a comunidade negra e quando se alcança esses espaços, o(a) negro(a) é envolto por situações que o faz buscar a se reafirmar, a ter sua identidade questionada e seu conhecimento colocado em dúvida.

O(a) negro(a) é o outro, e é nesse lugar que persiste a resistência de ser reconhecido como sujeito de direitos, como humano que merece viver, como ser que também faz parte da história. O racismo atravessa a sociedade brasileira e oprime o povo negro. Como já assinalado, sua origem está no epistemicídio, no apagamento dos conhecimentos e das contribuições para a história produzida pelo povo africano, como evidencia Katiúscia Ribeiro:

[...] uma das bases que alicerçam o racismo é o epistemicídio. O epistemicídio chega antes da bala, chega antes da corrente, chega antes das violências e das desigualdades. Porque, se você não tem uma base que alicerça uma história humana que não seja uma história somente de açoite e

PROMOÇÃO



APOIO

PPGPP
30 ANOSJOINPP
20 ANOS

XI Jornada Internacional Políticas Públicas

19 a 22
SET/2023CIDADE UNIVERSITÁRIA
DOM DELGADO
SÃO LUÍS/MA - BRASIL

REIFICAÇÃO CAPITALISTA E EMANCIPAÇÃO
HUMANA COMO NECESSIDADE HISTÓRICA
Formação da Consciência de
Classe na Luta de Hegemonias

CEM ANOS DE HISTÓRIA E CONSCIÊNCIA
DE CLASSE DE LUKÁCS

chicotes, o que você reconhece na nossa população e como isso cria, na nossa subjetividade, um lugar de desumanização das nossas populações negras. Então, quando você reintegra a história, você reintegra uma possibilidade de reconhecer esses sujeitos que não seja pela desumanização (RIBEIRO, 2020, Sul21).

Atreladas ao racismo estão as desigualdades sociais que são enfrentadas pelos povos negros. De uma forma interseccional, a comunidade negra enfrenta todos os dias os desafios da raça, classe e gênero, ressaltando que mesmo vivendo numa condição desigual de classe e gênero, sempre sua cor/raça será alvo de discriminação e ela se manifestará primeiro. Portanto, abolir o racismo é uma necessidade premente, ou seja, é urgente o apagamento institucional do racismo, bem como o acionamento e visitação às grandes contribuições na produção intelectual de saberes que o povo negro desenvolveu e tem desenvolvido ao longo dos últimos anos.

3 ESPAÇOS DE PRODUÇÃO INTELECTUAL NEGRA

Historicamente, os(as) negros(as) nunca fizeram parte da educação brasileira, que, no geral, é marcada pela exclusão desses povos. Quando conseguiram o acesso às escolas, a exclusão causada pelo racismo não permitia que os(as) negro(as) acessassem uma educação de qualidade, sobretudo na educação superior.

No ensino superior percebe-se o grande funil que é formado com a presença de negro(as), pelo fato de ser um lugar que manteve a hegemonia de pessoas não negras. Com a ideia de democracia racial no século XX, o Brasil tende a se portar como um país onde todos são tratados da mesma forma independente da raça, onde os(as) negros(as) teriam os mesmos direitos que os(as) brancos(as), algo que se iniciou anteriormente com o processo violento de miscigenação e embranquecimento da população brasileira. Porém, a democracia racial nunca existiu. O(a) negro(a) continuou em desvantagens por causa de sua cor, ainda que a sociedade dominante disseminasse a falácia de um Brasil sem preconceito, um país harmônico entre as

PROMOÇÃO



APOIO



PPGPP
30 ANOSJOINPP
20 ANOS

XI Jornada Internacional Políticas Públicas

19 a 22
SET/2023CIDADE UNIVERSITÁRIA
DOM DELGADO
SÃO LUÍS/MA - BRASIL

REIFICAÇÃO CAPITALISTA E EMANCIPAÇÃO
HUMANA COMO NECESSIDADE HISTÓRICA
Formação da Consciência de
Classe na Luta de Hegemonias

CEM ANOS DE HISTÓRIA E CONSCIÊNCIA
DE CLASSE DE LUKÁCS



raças, uma ideia propagada aos países estrangeiros, ou seja, uma distorção do padrão das relações sociais.

A partir da década de 1970, cresce a militância nos movimentos sociais e as ações do movimento negro são fortalecidas. Assim, surge o Movimento Negro Unificado (MNU), em 1978, que teve influência das manifestações antirracistas ocorridas no Estados Unidos e na África (GELEDÉS, 2010). O movimento àquela época apresentava como prioridade a luta contra a discriminação racial, denunciando as desigualdades em que a população negra era submetida. Participavam do movimento intelectuais, pesquisadores e professores negros que exigiam mudanças na sociedade e defesa dos direitos humanos e sociais dos negros, principalmente com a forte presença do movimento feminista negro.

Como forma de unir forças, o MNU buscou articulação política entre os outros movimentos para fortalecer a luta contra as opressões do racismo, conforme destacou Domingues:

[...] O objetivo era fortalecer o poder político do movimento negro. Nesta nova fase, a estratégia que prevaleceu no movimento foi a de combinar a luta do negro com a de todos os oprimidos da sociedade. A tônica era contestar a ordem social vigente e, simultaneamente, desferir a denúncia pública do problema do racismo. Pela primeira vez na história, o movimento negro apregoava como uma de suas palavras de ordem a consigna: "negro no poder!" (DOMINGUES, 2007, p.114-115).

As lutas dos movimentos negros contra a discriminação racial e pelo acesso ao ensino superior dos(as) negros(as) obteve várias conquistas, entre elas, podemos citar a lei de ações afirmativas “que foi fortalecida a partir da implementação da Lei nº 12.711 de 2012, que estabelece cotas para negros nos processos seletivos de universidades e institutos federais” (MINISTÉRIO DOS DIREITOS HUMANOS E DA CIDADANIA, 2018). No entanto, ainda é necessário a criação de mais políticas públicas que promova a igualdade racial na educação e em todos os setores institucionais para obter um mínimo de reparação ao povo negro.

Ainda que a população negra tem acesso ao ensino básico, percebe-se uma minoria no ensino superior. A universidade é tida como lugar de privilégios e sua

PROMOÇÃO



APOIO



PPGPP
30 ANOS

JOINPP
20 ANOS

XI Jornada Internacional Políticas Públicas

19 a 22
SET/2023

CIDADE UNIVERSITÁRIA
DOM DELGADO
SÃO LUÍS/MA - BRASIL

REIFICAÇÃO CAPITALISTA E EMANCIPAÇÃO
HUMANA COMO NECESSIDADE HISTÓRICA
Formação da Consciência de
Classe na Luta de Hegemonias

CEM ANOS DE HISTÓRIA E CONSCIÊNCIA
DE CLASSE DE LUKÁCS



estrutura é fundamentada de forma hierarquizada e eurocêntrica, quebrar essas barreiras é um desafio para o estudante negro(a) que busca acender profissionalmente e intelectualmente.

O caminho em questão, de acesso à universidade, com enfoque para as públicas, necessita superar o racismo e outras opressões. Às vezes, esse caminho para o negro(a) é atropelado e acaba não seguindo o objetivo de se formar, de ocupar um lugar que é seu. É nesse campo da universidade, de formação, que alguns intelectuais negros(as) nos últimos anos têm se inserido.

Para Sueli Carneiro (2005, p.113), “a educação é reconhecidamente o instrumento mais efetivo e seguro de ascensão social, no Brasil, para as classes subalternas, o controle e distribuição das oportunidades educacionais vêm instituindo uma ordem social racialmente hierárquica”. A educação torna-se um elemento importantíssimo para a produção de conhecimento negro e possibilita abrir caminhos para outros que virão, como enuncia Conceição Evaristo numa entrevista com o jornalista Pedro Henrique França no canal Roda Viva (2021), “o importante não é ser o primeiro ou primeira, o importante é abrir caminhos”. Adentrar ao espaço da universidade como forma de romper com os padrões determinados na sociedade e busca pela equidade racial é um caminho na superação do racismo.

A manutenção da questão racial e sua discriminação dentro da instituição ainda é bastante perceptível, mesmo que o intelectual negro acesse a educação, seja como professor/pesquisador ou aluno, as desigualdades interseccionais também permanecem, existe uma batalha para romper com o sistema patriarcal/colonial/machista/branco.

É no campo da universidade que o intelectual e pesquisador/professor negro(a) pode atuar como sujeito do seu próprio conhecimento, conforme cita Oliveira (2016):

Um dos aspectos positivos desta inserção dos(as) negros(as) no meio acadêmico enquanto docentes é o fato de atuarem como sujeitos de seu próprio conhecimento científico e ocupar lugar de destaque no cenário acadêmico local e nacional, nas associações de pesquisa, na formação de professores e em órgão de gestão governamental (nacional, estaduais e municipais), o que tem proporcionado a produção de um tipo de

PROMOÇÃO



APOIO



PPGPP
30 ANOS

JOINPP
20 ANOS

XI Jornada Internacional Políticas Públicas

19 a 22
SET/2023

CIDADE UNIVERSITÁRIA
DOM DELGADO
SÃO LUÍS/MA - BRASIL

REIFICAÇÃO CAPITALISTA E EMANCIPAÇÃO
HUMANA COMO NECESSIDADE HISTÓRICA

Formação da Consciência de
Classe na Luta de Hegemonias

CEM ANOS DE HISTÓRIA E CONSCIÊNCIA
DE CLASSE DE LUKÁCS

conhecimento diferente do então produzido nas universidades brasileiras (OLIVEIRA, 2016, p.109).

A população negra tem concentrado seus esforços na produção de conhecimento no campo da educação, arte, música, política e tantos outros. Essa inserção nas universidades e suas produções de saberes por intelectuais negros(as) possibilita uma valorização de suas construções. Ademais, significa ter um novo olhar para a ciência, não desclassificando os conhecimentos que já existem, mas contribuindo com a ciência, com os saberes existentes. Dessa forma, poderemos compreender a importância do saber e do conhecimento negro na sociedade.

4 PROTAGONISMO NEGRO E LUGAR DE FALA NA (RE)CONSTRUÇÃO DO SABER

Lélia Gonzalez (2020), referência de mulher negra intelectual, chama a atenção sobre o tornar-se negro, senão vejamos:

[...] não nascemos negros, nos tornamos negros. É uma conquista o tornar-se negro. Joel Rufino já disse que no Brasil não há preto, preto tem que mudar, já negro é outro papo. Vamos perceber, inclusive, que é uma questão de conquista da própria identidade, de retorno, sobretudo no caso dessa minoria da população negra (1%) que consegue chegar à universidade e sofre um processo de perda da identidade (GONZALEZ, 2020, p.215).

Segundo a autora, durante séculos o negro foi apresentado como o outro, o excluído, cada um no seu lugar e, ao passo que a sociedade vai tomando outros rumos, quando se é falado em democracia racial, o negro acaba pensando que também é branco, não reconhece quem ele é. Porém, sua cor o denuncia por onde vai, com quem falar, por isso é um processo cruel, de reencontrar sua própria identidade e de se autoafirmar negro.

Atualmente, o número de pessoas que se autodeclaram pretos e pardos vem crescendo, segundo pesquisa de domicílios do IBGE apresentada no Jornal Nacional, “mostra que em dez anos aumentou 32% o número de brasileiros que se declaram pretos e quase 11% os que se declaram pardos” (G1, 2022). Esse aumento está

PROMOÇÃO



APOIO



PPGPP
30 ANOS

JOINPP
20 ANOS

XI Jornada Internacional Políticas Públicas

19 a 22
SET/2023

CIDADE UNIVERSITÁRIA
DOM DELGADO
SÃO LUÍS/MA - BRASIL

REIFICAÇÃO CAPITALISTA E EMANCIPAÇÃO
HUMANA COMO NECESSIDADE HISTÓRICA

Formação da Consciência de
Classe na Luta de Hegemonias

CEM ANOS DE HISTÓRIA E CONSCIÊNCIA
DE CLASSE DE LUKÁCS



aliado ao desenvolvimento das políticas públicas e reflexo da inserção de negros(as) na educação e o crescimento da presença dessas pessoas nas universidades.

Se reconhecer como negro(a) e ser o protagonista da sua própria história, torna-se fundamental para a representação do negro(a) perante as decisões da sociedade. A história do povo negro foi invisibilizada da sociedade e contada de forma que favorecesse a elite branca hierárquica, algo que hoje se faz urgente a representatividade negra nos lugares e espaços políticos, profissionais e de poder. Campo que é acessível através da educação e das relações com os movimentos sociais, atuando em todas as esferas da sociedade.

A construção dos saberes e conhecimentos científicos, por parte da comunidade negra, é uma luta latente que vem carregada da resistência contra as opressões sofridas. A pulsante resistência é expressa nas suas vivências através da cultura, da literatura, da música, da religião e nas novas formas de se comunicar ao mundo, a mostrar a verdadeira história do povo africano e seus descendentes.

O trabalho intelectual rompe com as correntes que insiste em excluir o(a) negro(a) da produção de saberes, para bell hooks (1995, p.465), “[...] o trabalho intelectual é uma parte necessária da luta pela libertação, fundamental para os esforços de todas as pessoas oprimidas e/ ou exploradas, que passariam de objeto a sujeito, que descolonizariam e libertariam suas mentes”. (HOOKS, 1995, p.465).

Já Oliveira (2006, p.111-112) reafirma que “a academia não é apenas o lugar da produção do conhecimento hegemônico, mas também de produção e hierarquização de diferenças com base no mérito acadêmico”. Significa que o racismo dentro das instituições precisa ser superado, pois quando um/uma negro/a entra na universidade, a universidade assume novas configurações e esse lugar também é um lugar de direito para toda a população negra.

Aliado ao protagonismo, é mister destacar que nas formas de resistências do povo negro, em especial das mulheres negras, das milhares de vozes ecoadas por um povo livre da discriminação e das desigualdades sociais, o lugar de fala, foi e é

PROMOÇÃO



APOIO



PPGPP
30 ANOS

JOINPP
20 ANOS

XI Jornada Internacional Políticas Públicas

19 a 22
SET/2023

CIDADE UNIVERSITÁRIA
DOM DELGADO
SÃO LUÍS/MA - BRASIL

REIFICAÇÃO CAPITALISTA E EMANCIPAÇÃO
HUMANA COMO NECESSIDADE HISTÓRICA
Formação da Consciência de
Classe na Luta de Hegemonias

CEM ANOS DE HISTÓRIA E CONSCIÊNCIA
DE CLASSE DE LUKÁCS



significativo no embate contra as diversas formas de opressão, o qual demonstra através das experiências vividas, das origens, seu posicionamento de ver o mundo.

Segundo Djamilia Ribeiro (2017, p.64), “o falar não se restringe ao ato de emitir palavras, mas de poder existir”, ou seja, atentar para quem enuncia a palavra. Para a autora, pensar o lugar de fala e quebrar com os paradigmas tradicionais e hierárquicos do saber.

É importante pontuar que o lugar de fala não quer dizer que outras pessoas não podem falar sobre as questões que atravessam o cotidiano de pessoas negras, porém, “o lugar que ocupamos socialmente nos faz ter experiências distintas e outras perspectivas” (RIBEIRO, 2017, p.69). Ocupar esse lugar de fala na (re)construção do saber, proporciona que a voz seja dita nos espaços políticos de poder, bem como nos espaços de construção coletiva. Essa construção, atrelada ao lugar de fala, estabelece que o enunciador saiba quem é e de onde está falando, peças fundamentais para o combate às desigualdades sociais, racismo e demais opressões a que são submetidas. Assim, o lugar de fala, expresso pelas experiências negras, gera discursos potentes e construídos a partir de um protagonismo eficaz e presente.

5 CONCLUSÃO

A partir das reflexões abordadas no texto, evidencia-se que a população negra ainda se encontra numa situação de imposição, frente ao racismo estrutural e suas múltiplas configurações e ao não reconhecimento das suas produções de conhecimentos, fenômenos que corroboram com o alargamento das diferenças da desigualdade social e a manutenção do epistemicídio, como assinala Carneiro:

Mesmo quando o negro alcança o domínio dos paradigmas da razão ocidental, ele está diante do epistemicídio, embora esse domínio seja a negação de um dos seus pressupostos (o da incapacidade cognitiva inata dos negros) por ausência de alternativa a esse campo epistemológico hegemônico, pela redenção que a aculturação promove dos paradigmas da razão hegemônica, pela destituição de outras formas de conhecimento. (CARNEIRO, 2005, p.117).

PROMOÇÃO



APOIO



PPGPP
30 ANOSJOINPP
20 ANOS

XI Jornada Internacional Políticas Públicas

19 a 22
SET/2023CIDADE UNIVERSITÁRIA
DOM DELGADO
SÃO LUÍS/MA - BRASILREIFICAÇÃO CAPITALISTA E EMANCIPAÇÃO
HUMANA COMO NECESSIDADE HISTÓRICA
Formação da Consciência de
Classe na Luta de HegemoniasCEM ANOS DE HISTÓRIA E CONSCIÊNCIA
DE CLASSE DE LUKÁCS

Em síntese, as condições (im)postas pelo sistema patriarcal/colonial/machista/branco perpassam a vida do negro(a) e os leva ao silenciamento e à invisibilização das suas formas de produção do conhecimento. Entretanto, a educação se apresenta como um fator essencial para as transformações da realidade na sociedade brasileira.

Observa-se, na atuação da população negra, um protagonismo negro que se coloca para reivindicar leis igualitárias e sem discriminação, nos campos social, econômico e político. E, ainda que a trajetória do negro/a na vida escolar seja de altos e baixos, a inserção do/a negro(a) na universidade lhe possibilita tentar traçar outros caminhos.

O desafio, pois, é alcançar mudanças na estrutura da universidade que sejam suficientes para enfrentar a hegemonia dos conhecimentos científicos já determinados e sejam capazes de fortalecer a produção do conhecimento por parte de pessoas negras, dando visibilidade a tais produções e contribuindo, portanto, com o fim do epistemicídio.

Por fim, destaca-se que este artigo não teve a pretensão de esgotar a discussão, ao contrário, permanece em construção para ampliar os horizontes sobre as produções de saberes e conhecimentos das/dos intelectuais negras/os que tanto têm para contribuir com a academia e o mundo.

6 REFERÊNCIAS

AÇÕES Afirmativas em Educação. GOV.BR. Ministério dos Direitos Humanos e da Cidadania. 27 jul. 2018. Brasil. Disponível em: <[ALBERTI, Verena; PEREIRA, Amílcar Araújo. PORTAL GELEDÉS. **O Movimento Negro no Brasil.** 29 set. 2010. Disponível em: <<https://www.geledes.org.br/o-movimento-negro-no-brasil/?gclid=CjwKCAjwvvpCkBhB4EiwAujJULMiNqos0cyl->](https://www.gov.br/mdh/pt-br/navegue-por-temas/igualdade-etnico-racial/acoes-e-programas-de-gestoes-antiores/acoes-afirmativas-em-educacao#:~:text=A%20a%C3%A7%C3%A3o%20afirmativa%20%C3%A9%20outra,de%20universidades%20e%20institutos%20federais.>. Acesso em: 10 jun. 2023.</p></div><div data-bbox=)

PROMOÇÃO



APOIO



PPGPP
30 ANOS

JOINPP
20 ANOS

XI Jornada Internacional Políticas Públicas

19 a 22
SET/2023

CIDADE UNIVERSITÁRIA
DOM DELGADO
SÃO LUÍS/MA - BRASIL

REIFICAÇÃO CAPITALISTA E EMANCIPAÇÃO
HUMANA COMO NECESSIDADE HISTÓRICA

Formação da Consciência de
Classe na Luta de Hegemonias

CEM ANOS DE HISTÓRIA E CONSCIÊNCIA
DE CLASSE DE LUKÁCS



ImdB_crM8AvtTa6RZ2GjxRAQdoXMKJjNOrUvoC3CaThoCR-wQAvD_BwE>.
Acesso em: 10 jun. 2023.

ALMEIDA, Silvio. **Racismo Estrutural**. São Paulo: Pólen, 2019.

BRAZIL, Érico Vital; SCHUMAHER, Schuma. **Mulheres negras do Brasil**. Rio de Janeiro: Redeh. 2006.

CARNEIRO, Aparecida Sueli. **A Construção do Outro como Não-Ser como fundamento do Ser**. Feusp, 2005. (Tese de doutorado).

DOMINGUES, Petrônio. SCIELO BRASIL. **Movimento negro brasileiro: alguns apontamentos históricos**. Artigos. Tempo 12 (23). 2007. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/tem/a/yCLBRQ5s6VTN6ngRXQy4Hqn/?lang=pt>>. <https://doi.org/10.1590/S1413-77042007000200007>. Acesso em: 10 jun. 2023.

G1. Jornal Nacional. **Total de pessoas que se autodeclaram pretas e pardas cresce no Brasil, diz IBGE**. 22 jul. 2022. Disponível em: <<https://g1.globo.com/jornal-nacional/noticia/2022/07/22/total-de-pessoas-que-se-autodeclaram-pretas-e-pardas-cresce-no-brasil-diz-ibge.ghtml>>. Acesso em: 11 jun. 2023.

GONZALEZ, Lélia. **Por um feminismo afro-latino-americano: Ensaio, intervenções e diálogos**. Orgs (Flávia Rios e Márcia Lima). Ed. Zahar. 2020. Copyright desta edição 2020, Editora Schwarcz S.A. Disponível em: <<https://mulherespaz.org.br/site/wp-content/uploads/2021/06/feminismo-afro-latino-americano.pdf>>. Acesso em: 11 jun. 2023.

HOOKS, bell. **Intelectuais Negras**. In: Estudos Feministas. Florianópolis, UFSC. Vol.3 nº 2/95, p. 464-478.

MBEMBE, Achille. **Crítica da razão negra**. 1ª ed. Lisboa: Antígona, 2014. Tradução de Marta Lança.

OLIVEIRA, Otair Fernandes de. **Intelectualidade Negra e Produção do Conhecimento na Educação Brasileira**. REVISTA ENSAIOS E PESQUISA EM EDUCAÇÃO – 2016.2 / Vol. 01. p.106 – 118.

QUIJANO, Anibal. **Colonialidade do poder, Eurocentrismo e América Latina**. In: A colonialidade do saber: eurocentrismo e ciências sociais. Perspectivas latino-americanas. Buenos Aires. CLACSO, Consejo Latinoamericano de Ciencias Sociales. 2005. Disponível em: <http://bibliotecavirtual.clacso.org.ar/clacso/sur-sur/20100624103322/12_Quijano.pdf>. Acesso em 09 jun. 2023.

PROMOÇÃO



PPGPP
30 ANOS

JOINPP
20 ANOS

XI Jornada Internacional Políticas Públicas

19 a 22
SET/2023

CIDADE UNIVERSITÁRIA
DOM DELGADO
SÃO LUÍS/MA - BRASIL

REIFICAÇÃO CAPITALISTA E EMANCIPAÇÃO
HUMANA COMO NECESSIDADE HISTÓRICA
Formação da Consciência de
Classe na Luta de Hegemonias

CEM ANOS DE HISTÓRIA E CONSCIÊNCIA
DE CLASSE DE LUKÁCS



RIBEIRO, Djamila. **O que é lugar de fala?** Belo Horizonte (MG). Ed. Letramento: Justificando, 2017. 112 p. (Feminismos Plurais).

RIBEIRO, Katiúscia. **O apagamento do conhecimento africano é o alicerce do racismo, veio antes da bala e das correntes.** Sul21. Entrevistas. 21 nov. 2020. Disponível em: < <https://sul21.com.br/noticias/entrevistas/2020/11/katiuscia-ribeiro-o-apagamento-do-conhecimento-africano-e-o-alicerce-do-racismo-veio-antes-da-bala-e-das-correntes/>>. Acesso em: 09 jun. 2023.

RODA VIVA. **Conceição Evaristo fala sobre sua candidatura à Academia Brasileira de Letras.** Youtube, 6 set. 2021. Disponível em: < <https://www.youtube.com/watch?v=gkJUOi-eNJ0>>. Acesso em: 10 jun. 2023.

SILVA, Fabrício; BALTAR, Paula; LOURENÇO, Beatriz. **Colonialidade do saber, dependência epistêmica e os limites do conceito de democracia na América Latina.** Revista de Estudos e Pesquisas sobre as Américas. V. 12 N.1 2018 ISSN: 1984-1639.

PROMOÇÃO



APOIO

